

Quarta-feira, 20 de abril de 1988

Conversão da dívida: o valor dos contatos diretos

Dois importantes seminários internacionais, voltados para as perspectivas futuras de desenvolvimento do País, foram realizados na semana passada. No primeiro deles, levado a efeito em São Paulo, nos dias 11 e 12 de abril, promovido pelo Banco Mundial (BIRD) e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com apoio deste jornal, discutiu-se a formulação de uma nova política de comércio exterior para o Brasil, à luz da nossa própria experiência e da de países que apresentam um estágio de desenvolvimento mais ou menos semelhante. Com a participação ativa de um expressivo número de empresários nacionais, foram examinadas na ocasião questões cruciais como a necessidade de o País aumentar o valor de suas exportações como percentagem de seu Produto Interno Bruto (PIB), remover controles administrativos sobre as importações e esforçar-se para adotar uma política cambial mais realista.

Outro evento internacional de grande significado foi o seminário "Oportunidades de Investimentos no Brasil Através da Conversão da Dívida Externa", realizado em

Nova York na última sexta-feira pelo Council of the Americas e por este jornal. Mais de trezentas pessoas, representando bancos privados americanos, corretores e investidores de modo geral, compareceram a esse verdadeiro fórum, em que autoridades brasileiras explicaram os mecanismos já instituídos para a conversão da dívida e procuraram esclarecer as dúvidas a uma platéia ávida de informações. A medida do interesse despertado pelo seminário de Nova York foi demonstrada pelo fato de que cerca de cinqüenta pessoas, que deixaram para fazer suas inscrições na porta, não puderam entrar nos salões reservados do hotel Inter-Continental por falta de espaço.

Os altos funcionários brasileiros empenharam-se, particularmente, em deixar claro que a conversão da dívida não é um expediente de que o governo se está valendo para resolver problemas cambiais imediatos. Trata-se, na realidade, de uma das faces de uma política de maior abertura para o exterior. Nesse sentido, como foi dito no seminário, estão sendo estudados até mesmo meios

para atenuar os controles oficiais sobre a taxa de câmbio.

Paralelamente, o governo preocupa-se em que o processo seja conduzido de forma equânime com relação aos investidores e que não venha a ser objeto de distorções. Sobre essa questão, o diretor da Área Externa do Banco Central, Arnim Lore, ressaltou que não se pretende estabelecer nenhuma distinção significativa, para efeito de conversão, entre os créditos cujo contravalor está depositado no Banco Central e os ainda a vencer. Lore anunciou também que serão fixadas regras para coibir a especulação com conversões.

Coube ao presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Arnoldo Wald, focalizar a importância da conversão para a privatização de um número crescente de empresas, atualmente sob o controle do Estado. Wald calculou que a privatização, mediante operações de conversão, pode chegar a US\$ 30 bilhões, valor correspondente ao da dívida externa não vencida do setor público.

Como seria de esperar, os investidores presentes levantaram

questões difíceis, e às vezes embarracosas, para as autoridades brasileiras, como a sinceridade do governo em levar adiante um processo efetivo de privatização. O que se pode concluir, pelos relatos sobre o seminário, é que o interesse existente pela conversão de dívidas em investimento não elimina as desconfianças quanto ao comportamento do governo brasileiro, que só poderão ser vencidas através de maiores contatos.

Com esse objetivo, da mesma forma como o BIRD pretende dar seqüência ao encontro tão esclarecedor que promoveu na semana passada, este jornal deliberou realizar, no próximo dia 29 de abril, desta vez em São Paulo, um novo seminário sobre conversão da dívida em investimentos, organizado como o de Nova York, no qual as "workshops" ou sessões de trabalho atuaram como um fator decisivo de aproximação. Esses são meios, como disse o embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, "de se desenvolver uma relação mutuamente enriquecedora, construída no respeito, na compreensão e na cooperação".